

Revivendo um processo de alfabetização

(Uma primeira abordagem do Sânscrito: a escrita devanagari)

Carlos Alberto Gohn
Universidade Federal de Minas Gerais

Abstract

This study aims at revisiting some of the author's experiences when faced with an unknown alphabet in India. Some literature on learning how to read/write is shortly examined so as to shed some light on peculiarities of the process.

Nesse trabalho¹ faço algumas considerações sobre a experiência a que me submeti, aos quarenta e um anos de idade, de aprendizagem do alfabeto devanagari, quando de uma estadia de um ano na Índia. Refletindo *a posteriori*, observei coincidências entre alguns processos apontados na literatura sobre o aprendizado leitura/escrita por parte de crianças e aqueles pelos quais passei. Uma rápida visita a essa literatura será aqui tentada, fazendo-se os comentários pertinentes à experiência em questão.

Segundo Whitney (1924:1), a origem do nome do alfabeto é duvidosa: *Nagari* talvez signifique “da cidade”; *devanagari* é “da cidade dos deuses” ou “da cidade dos Brâmanes”. O alfabeto devanagari em que a língua sânscrita é geralmente escrita é atualmente usado por dez línguas na Índia e também no Nepal. Entre elas, o Marathi (15 milhões de falantes) e o Hindi (400 milhões de falantes). Esse fato é relevante para a aprendizagem do alfabeto por parte de um ocidental *na Índia*: muito embora o sânscrito seja uma língua não falada, o fato de outras línguas vivas terem adotado seu alfabeto faz com que o ambiente seja rico em estímulos visuais (letrados, formulários, propagandas, embalagens) que são, naturalmente, revertidos para a aprendizagem do sânscrito. A aprendizagem do alfabeto devanagari feita no Brasil, por exemplo, não encontra, obviamente, o mesmo ambiente rico em estímulos. O leitor de uma das línguas da Índia acima mencionadas, portanto, consegue tomar um texto em sânscrito e, de posse de algumas informações sobre essa língua, é capaz de recitá-lo. Ele atribui então a cada sinal gráfico o som correspondente, sem, contudo, poder decodificar o texto, uma vez que a sintaxe e grande parte do vocabulário lhe são desconhecidos. Isso é possível pelo fato de haver, no sânscrito, uma correspondência biunívoca entre sons da fala e letras do alfabeto, fato raramente observado em nossas línguas ocidentais, conforme observa Miriam Lemle (1990:17) para o português. Deve-se também mencionar aqui que os Mantras atualmente usados

nos rituais domésticos e públicos na Índia não têm seu efeito ou valor considerados como prejudicados pelo fato de quem os profere ou os ouve não poder compreender seu sentido (Alper, 1991:333). Dentro do contexto indiano, o aspecto visual do alfabeto devanagari é, por si só, comunicativo. Não de uma informação no sentido ocidental, mas de uma força que pode se manifestar, por exemplo, na proteção contra malefícios.

A meu ver, tais dados são importantes como fatores que justificam o investimento a ser feito na aprendizagem do alfabeto devanagari, como uma primeira abordagem do sânscrito.

Uma certa tradição que utilizava a transliteração do alfabeto devanagari para letras do alfabeto românico com vistas a facilitar o processo de aprendizagem do sânscrito é, segundo as considerações acima, empobrecedora. Ela não leva em conta uma das múltiplas melodias em que vibra o imaginário indiano: a do caráter onírico da arte indiana, através da experiência de algo como uma simultaneidade de múltiplas impressões sensoriais, assim como o que ocorre no sonho, no dizer de Lannoy (1971:21). Em outras palavras, a beleza estética do alfabeto devanagari é algo que pode ser levado em conta enquanto fator motivacional na aprendizagem do sânscrito. Nesse sentido, não parecerá tão irrelevante minha confissão de que, em certas noites de insônia, os caracteres do alfabeto às vezes como que se destacavam da escuridão e vinham a meu encontro, em oferecimento à contemplação estética.

Esse fator “insônia” pode ter, talvez, uma explicação mais prosaica no sentido de ser devido a preocupações com o tamanho da tarefa: o alfabeto devanagari compreende 44 sinais simples e mais de 200 sinais complexos ou grupos, resultantes da combinação dos primeiros.

O material pedagógico a ser utilizado tem, portanto, uma importância considerável, na medida em que pode fazer uma dosagem daquilo que o aprendiz deve dominar. Na Índia são utilizados cadernos de caligrafia bastante semelhantes àqueles que estavam em voga à época do meu curso primário no Brasil. Um obstáculo apontado por meu mestre, Shastriji, é o desaparecimento de materiais de escrita adequados. Tradicionalmente usava-se uma espécie de bastão de carvão que permitia traços mais grossos. Ajuriaguerra (1988:29-30) lista em número de três os obstáculos impostos ao ato gráfico: o material (em nosso caso, a inadequação das canetas

de traço fino); o sistema de símbolos utilizados e as leis de sua organização no espaço gráfico (em nosso caso, a própria complexidade do alfabeto devanagari) e os cânones caligráficos que prescrevem a execução dos sinais de acordo com certas normas de qualidade (Ajuriaguerra exemplifica com as exigências de elegância e flexibilidade apresentadas pela escrita chinesa. Exigências semelhantes podem ser feitas, grosso modo, para a escrita devanagari). Nesse sentido, considero o resultado de minhas habilidades de escrita em sânscrito ainda como bem distante de um padrão aceitável, não de inteligibilidade, mas de beleza. Como vimos, esse critério é mais relevante para o chinês e o sânscrito do que, por exemplo, para o português (embora, no ocidente, a escrita com caracteres góticos e celtas tenha tido preocupações estéticas).

Uma dificuldade relacionada ao material disponível diz respeito às condições de legibilidade dos manuais e cartilhas. Algumas vezes o sinal gráfico apresenta-se impresso em tamanho pequeno demais para permitir uma leitura da delimitação dos traços ou então apresenta-se parcialmente apagado por defeito de impressão (preço, talvez, a ser pago pelo fato de na Índia livros e materiais didáticos serem, proporcionalmente, muito mais baratos do que no Brasil). Frank Smith (1989:139) observa a existência de “confusões visuais” que podem ser geradas por um “empobrecimento” da letra-estímulo, já que os leitores não conseguem ver claramente e são forçados a adivinhar a letra em questão.

O principal desafio está, contudo, no sistema de símbolos do alfabeto devanagari. Miriam Lemle (1990:9) menciona, no caso do alfabeto românico, as “percepções visuais finas” que uma criança deve aprender a fazer para distinguir, por exemplo, a letra “p” da letra “b”. Frank Smith (1989:128-129) examina a questão de como identificar as letras. Para ele, esse é um problema especial dentro de uma área teórica mais abrangente que é a do “reconhecimento padrão”, isto é, o processo através do qual reconhecemos quaisquer duas configurações como idênticas ou diferentes. Embora Smith (1989:141), admita que não sabemos que características distinguem, para um leitor, uma letra de outra (se, por exemplo, o fechamento, o arredondamento, uma haste superior ou inferior), ele reconhece a existência de diferenças que são eleitas como significativas e que funcionam como atributos de definição ou propriedades de critério (1989-129). Para a aprendizagem do alfabeto

devanagari, minha experiência é a de que um esforço consciente pode ser feito no sentido de justapor, para fixação, letras que muito se assemelham, num estratégia premeditada de encontrar critérios. Refiro-me, por exemplo, às letras \sqcup (bh), \sqcap (m), $\overline{\sqcup}$ (th), \sqcap (y) que, no material pedagógico a que tive acesso, não eram trabalhadas de modo a ressaltar suas diferenças/semelhanças. É verdade que a escolha de palavras que tenham um sentido para o aprendiz (não estou falando em sentido de um *texto* sânscrito, o que, dadas as dificuldades de sintaxe e de morfologia, só se torna acessível em um estágio posterior) torna mais fácil a fixação, o que é também observável na aprendizagem de letras por parte de crianças em alfabetização (uma surpresa agradável foi encontrar, no contexto brasileiro, uma *Introdução ao Sânscrito Clássico* de Carlos Alberto da Fonseca (USP), na qual as letras são apresentadas aos poucos, utilizando-se exercícios de palavras do sânscrito grafadas em representação do alfabeto românico para serem transpostas para o alfabeto devanagari. O alfabeto torna-se, assim, bem mais digerível).

Frank Smith (1989:105), ao examinar o fato de a criança confundir “b” e “d”, o espelhamento de letras, o atribui à complexidade da tarefa e à falta de experiência apropriada por parte da criança. Em meu processo com o alfabeto devanagari observei, por exemplo, que, mesmo ao copiar a letra ∇ (correspondente à vogal “e”), eu a transcrevia espelhada como ∇ , talvez por influência de \sqcup . A possibilidade desse tipo de confusão é apontada pelo próprio Smith para “leitores fluentes de uma língua (que) tornam-se confusos com a identificação de letras similares em alfabetos desconhecidos” (1989:105). Faço também observar o fato de que, mesmo ao rever os exercícios de caligrafia, não me dava conta do espelhamento, o que constitui talvez uma percepção de tipo “visão afunilada” descrita por Smith (1989:107). A função do dedo corretor do mestre foi, no caso, insubstituível.

Finalmente, um outro tipo de processo, este mais ligado à produção da escrita de palavras em sânscrito, que atuaria como um reforço na aquisição de letras do alfabeto devanagari por situá-las dentro de certos ambientes. Trata-se de algo semelhante àquilo que descreve Ademar da Silva (1991:23). Para esse autor, a utilização exclusiva de cópias e ditados leva a uma total passi-

vidade do aprendiz frente à escrita, sendo louváveis as atitudes que levam a criança a arriscar-se na produção escrita de textos expressivos a partir de hipóteses que ela formula para si sobre a escrita. Há certa analogia aqui com o que geralmente ocorre nas gramáticas e manuais de sânscrito que, para a aquisição do alfabeto, trabalham com listas de palavras, escolhidas apenas por conterem tais ou tais letras. Posso, então, relatar aqui um processo em que tomei o risco de produzir “palavras” expressivas (já que “textos expressivos” em sânscrito constituem, como já mencionado, uma possibilidade em segundo momento). Trata-se de nomes próprios ou termos mais correntes em filosofia indiana com os quais eu já me familiarizara em seu aspecto sonoro, isto é, eu possuía uma representação acústica dos mesmos. Arriscava-me, agora, a grafá-los em escrita devanagari, numa atividade totalmente lúdica, já que não existia cobrança alguma nesse sentido, interna ou externa. Podia, depois, checar essa grafia com o mestre, Shastri. Devo também dizer, contudo, que fui desencorajado a continuar com esse tipo de atividade por um outro professor, francês, para quem fui transferido. Dei-me então conta de que Shastriji, ao receber-me para as aulas em seu quarto despojado, sentado sobre a cama, de torso nu, transmitia talvez, mais do que um conteúdo, uma postura de liberdade e ousadia frente às dificuldades encontradas por um iniciante no estudo do Sânscrito. Ele não compreenderia o porquê de eu deixar aqui registrado um agradecimento por isso. Quero fazê-lo assim mesmo.

Como última observação, seria útil dizer que essa reflexão sobre minha aquisição da escrita devanagari funcionou como uma retroalimentação no processo. O parar e pensar sobre como tudo isso se deu teve o efeito secundário de despertar-me para “pontos fracos” em meu atual estado de domínio do alfabeto devanagari, salvando, ainda, certas áreas do esquecimento, uma vez que meu contato com a língua sânscrita é, agora, esporádico.

NOTA

¹ Agradeço aos Professores Marco Antônio de Oliveira (UFMG) e Carlos Alberto Fonseca (USP) a leitura e comentários sobre o artigo. As falhas porventura encontráveis são, obviamente, de minha responsabilidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AJURIAGUERRA, J. *A escrita infantil*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.
- ALPER, Harvey. *Understanding mantras*. Delhi: Motilal Banarsidas, 1991.
- FONSECA, Carlos Alberto; FERREIRA, Mário. *Introdução ao sânscrito clássico*. USP: São Paulo, 1987.
- LANNOY, Richard. *The speaking tree*. London: OUP, 1971.
- LEMLE, Miriam. *Guia teórico do alfabetizador*. São Paulo: Ática, 1990.
- SILVA, Ademar de. *Alfabetização: a escrita espontânea*. São Paulo: Contexto, 1991.
- SMITH, Frank. *Compreendendo a leitura*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.
- WHITNEY, William Dwight. *Sanskrit grammar*. Leipzig: [s.n.], 1924. (Edição Indiana: Delhi, Motilal Banarsidas, 1989).